

TEMPOS DE PAZ E GUERRA EM DILI, CAPITAL DO  
TIMOR PORTUGUÊS, NO ROMANCE *REQUIEM  
PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO* (2007), DE LUÍS  
CARDOSO

TIMES OF PEACE AND WAR IN DILI, CAPITAL OF THE  
PORTUGUESE TIMOR, IN THE ROMANCE *REQUIEM  
PARA O NAVEGADOR SOLITÁRIO* (2007), BY LUÍS  
CARDOSO

Denise Rocha

Pós-doutoranda na UFC de Fortaleza.

**Resumo:** O objetivo desse estudo é analisar as memórias da chinesa Catarina no romance *Requiem para o navegador solitário* (2005), do timorense Luís Cardoso, que refletem as distintas imagens de Díli, a capital multiétnica, multicultural e multilinguística do Timor Português, desde o final dos anos 1930 até 1945, no final da Segunda Guerra Mundial. As agrídoces percepções e inusitadas atitudes da protagonista-narradora, a adolescente estrangeira proveniente da Batávia, que, sozinha, chegou em Dili, para se casar com o capitão do porto, Alberto, resultam de suas extremas vivências com portugueses, estrangeiros, mestiços e nativos. O entrelaçamento experiencial da pessoa (Catarina) imersa na geografia (Dili) será estudado, conforme as reflexões sobre o espaço físico, psicológico e social (Reis e Lopes; e Bachelard) e a teoria do espaço geográfico-cultural (Tuan), na colônia lusa no Pacífico Sul, em época de paz e guerra.

**Palavras-chave:** literatura timorense, Luís Cardoso, Díli, espaço.

**Abstract:** The objective of this study is to analyze the memories of the Chinese woman Catarina in the novel *Requiem for the lonely navigator* (2005), by the Timorese Luís Cardoso, which reflect the different images of Dili, the multiethnic, multicultural and multilingual capital of Portuguese Timor, since the end of 1930 until 1945, at the end of World War II. The bizarre perceptions and unusual attitudes of the protagonist-narrator, the foreign adolescent from Batavia, who arrived alone in Dili to marry the captain of the port, Alberto, result from her extreme experiences with Portuguese, foreigners, mestizos and natives. The experiential interweaving of the person (Catarina) immersed in the geography (Dili) will be studied, according to the reflections on the physical, psychological and social space (Reis and Lopes; and Bachelard) and the geography-cultural theory (Tuan), in the Portuguese colony in the South Pacific, in times of peace and war.

**Keywords:** Timorese literature, Luís Cardoso, Dili, space.

## Introdução

[...] Díli, para onde os portugueses destacavam os seus funcionários caídos em desgraça, com a incumbência de tomarem conta de outros conterrâneos, ainda mais desgraçados, para lá enviados em degredo após terem sido considerados desordeiros públicos. (CARDOSO, 2009, p. 19)

Apesar das imagens negativas, que circulavam na sua cidade, Batávia,<sup>1</sup> sobre a capital do Timor Português, Catarina foi prometida em casamento a Alberto Sacramento Monteiro, capitão do porto de Díli. Em busca de notícias sobre as interrompidas relações comerciais cafeeiras, estabelecidas entre o seu pai, negociante de sedas, e o charmoso pretendente, a jovem apaixonada, aos 17 anos, chegou na ilha, acompanhada por um gato, mimo do noivo, e pelo livro *À la Porsuite du Soleil* (1929), de Alain Gerbault.<sup>2</sup> A fina-

---

1 Batávia (atual Jacarta, Indonésia), antes era parte da Companhia das Índias Orientais Holandesas (Neerlandesas) em suas ramificações coloniais no Pacífico Sul.

2 O romance *Requiem para o navegador solitário* (2007) tem, como epígrafe, *Visão*, um poema de Ruy Cinatti (1915-1986), dedicado ao navegador francês, Alain Gerbault, que faleceu em Díli (1941):

Eram Ilhas

Hercúleas: coroas

Vegetais sobrenadando

Altos castelos submersos e, apenas

("Sepultem-me no mar, longe de tudo")

Alain,

Entre valas, velas e gaivotas

Rui Cinatti (CARDOSO, 2009, p. 13).

lidade da viagem da mimada adolescente era esclarecer as transações agrícolas internacionais e, principalmente, realizar seus sonhos com Alberto, natural de Goa e filho de português, que era lindo, tinha pele morena, olhos verdes e bigode retorcido.

Catarina é a protagonista-narradora de *Requiem para o navegador solitário*, de Luís Cardoso, um romance de formação de uma estrangeira, filha de um chinês e de uma mestiça, que foi educada, segundo os padrões europeus de refinamento, para fazer o marido feliz. Ela delineia suas doces-amargas memórias, desde que conheceu Alberto em Batávia, passando pelo tenebroso reencontro com ele em Díli; a maternidade involuntária; a obrigação de administrar uma fazenda de café arruinada, entre outras provações físicas, psicológicas e morais, até o final da Segunda Guerra Mundial.

Sem avisar o sócio e futuro genro, o pai da jovem a enviou para a ilha, onde deveria ficar hospedada na pousada Buganvília, propriedade de Alberto e sede de duas firmas comerciais, a Sociedade Sacromonte Ltda e a Sociedade Seda Pura e Prosperidade.

Vítima de violência sexual do noivo, Catarina deu à luz Diogo; posteriormente, o indiferente pai da criança, que era casado e tinha filhos, antes de ser transferido para um porto na costa do Malabar, passou para suas mãos a fazenda Sacromonte, localizada no monte Manumera, próximo de Díli. A região da propriedade de café, que havia sido parte do reino de Manufahi,

conhecido por ter se revoltado contra os lusos por causa dos impostos (fato histórico de 1911/1912), tinha um líder, Malisera, o *Asuwain* (administrador), que a reivindicava. Ele estava integrado à gestão lusa com a identidade de Marcelo, o sipaio (guarda nativo). Com a ajuda dele e outros funcionários, a jovem conseguiu reestruturar a plantação com a introdução de mudas da espécie Robusta. Por causa de boatos de que tinha contato direto com Malisera, considerado inimigo do Estado português, mas que não era conhecido fisicamente, Catarina começou a ser perseguida por Lavadinho. Este era agente do sistema opressor salazarista, a PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado), que estava presente nos territórios de além-mar, principalmente, no Timor Português, para onde tinham sido degredados anarquistas, socialistas e comunistas, alguns dos quais foram integrados à administração colonial.

Durante a guerra no Pacífico, a jovem conheceu Alain Gerbault (personagem histórico), e que era o autor do livro que ela trouxera em sua bagagem. No final do conflito bélico, Catarina, considerada uma estrangeira ousada, que antes, supostamente, tinha tentado assassinar com peixe envenenado Geraldo Pinto Pereira, o outro capitão do porto de Díli, foi apontada pela cúpula portuguesa, como espiã dos japoneses, por dois motivos: a sociedade montada com os técnicos japoneses no empreendimento de salga de peixes e sua aproximação fraternal a Moriama (personagem

histórico). Ele era um oficial do Estado Maior e chefe das operações das forças imperiais nipônicas na ilha, que lhe dedicou um amor platônico e a admirava no cais, quando estava confinada no barco de Gerbault, até 1945, por ordem dos outros invasores, os australianos e os holandeses.

O Timor Português,<sup>3</sup> atual Timor Loro Sae<sup>4</sup>, ou República Democrática de Timor-Leste, foi palco de conflitos coloniais internos e externos: 1- duas revoltas contra a soberania lusa nos anos 1895 e 1911-1912, liderada pelos liurais (reis) de Manufahi; 2- declarada colônia de degredados de Portugal, desde o final do século XIX, principalmente nos anos 1927 e 1931 e 3- a invasão e ocupação estrangeira na Segunda Guerra Mundial, apesar da neutralidade de Portugal. Esses três temas são abordados no romance.

As imagens de Díli, capital lusitana asiática, imersa na engrenagem colonial e nos reflexos da guerra

---

3 Desde a colonização europeia, a ilha do Timor encontra-se dividida. Os portugueses chegaram em 1514 e no ano de 1613, os holandeses desembarcaram na cidade de Kupang e passaram a dominar a parte ocidental insular. Em 20 de abril de 1859, foi estabelecido um Tratado entre Portugal e a Holanda que dividiram a ilha em duas colônias: uma portuguesa, a leste (**Timor Português**) e, outra holandesa, a oeste (**Timor Holandês**). O tratado entrou em vigor somente em 1868, e as fronteiras foram definidas em 1913. Depois de 1945, a parte ocidental da ilha e outras pertencentes ao mesmo jugo colonial batavo tornaram-se independentes com o nome de Indonésia.

4 **Timor** (*timur* (leste), em malaio), nome antigo preservado e **Loro Sae** (Sol Nascente ou onde nasce o sol), em *tetum*) foi a denominação escolhida pelos timorenses para o nome oficial de seu país (2002), após a ocupação indonésia (1975-1999), época na qual o território era chamado de **Timor Timur**.

no Pacífico Sul, serão estudadas no romance *Requiem para o navegador solitário*, cuja narradora, a estrangeira Catarina, transporta o/a leitor/a contemporâneo/a pela colônia multiétnica, multicultural e multilinguística, desde o final dos anos 1930 e nos 1940: pela ponte-cais, pela pousada Buganvília, localizada na baía de Díli, pelo hospital, pelo Hotel Salazar, pela Delegacia de Polícia, pelo mercado, pela prisão da Comarca, pelo cemitério de Santa Cruz, pelo veleiro de Gerbault e adjacências: a praia Tasi Tolu, o monte Manumera e a ilha de Ataúro. A relação de Catarina com diversas pessoas - portuguesas, estrangeiras, mestiças e nativas - nos diversos tipos de espaços, concretos e abstratos, na terra e no mar, a partir do final dos anos 1930 até 1945, serão analisadas segundo a perspectiva de Reis e Lopes, de Bachelard e de Tuan.

## 1. O espaço físico, o espaço social e o espaço psicológico (Reis e Lopes)

Uma das categorias da narrativa, o espaço remete ao lugar ou lugares onde ocorre a ação. Para Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, no *Dicionário de Teoria da Narrativa*, tal conceito é entendido como integrante do “domínio específico da *história*”. Além disso, os autores destacam o espaço físico, o espaço social e o espaço psicológico:



[...] o espaço integra, em primeira instância, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da *ação* e à movimentação das *personagens*: cenários geográficos, interiores, decorações, objetos etc.; em segunda instância, o conceito de *espaço* pode ser entendido em sentido translato, abarcando então as atmosferas sociais (*espaço social*) como até as psicológicas (*espaço psicológico*). O destaque de que pode revestir-se o *espaço* atesta-se eloquentemente na convenção de tipologias que compreendem o *romance de espaço* como uma das suas possibilidades, tornada efetiva naquele gênero narrativo, por força das suas dimensões e configuração estrutural. (REIS; LOPES, 2000, p. 204)

Além da dimensão dos conceitos de espaços, concretos e abstratos, elencados por Reis e Lopes, destaca-se a “poética da casa”, proposta por Gaston Bachelard, em *A poética do espaço*, pois os espaços interiores da residência revelam sensações, sensibilidades e valores:

Com a imagem da casa temos um verdadeiro princípio de integração psicológica. Psicologia descritiva, psicologia das profundidades, psicanálise e fenomenologia poderiam, com a casa, construir esse corpo de doutrinas que designamos sob o nome de topoanálise. Examinada nos horizontes teóricos mais diversos, parece que a imagem da casa se transforma na topografia do nosso ser íntimo. (BACHELARD, 1978, p. 196)

Bachelard destaca a possibilidade da análise literária, sob a perspectiva da topoanálise, bem como enfatiza a questão da memória vinculada à represen-

tação da moradia, imersa na compreensão da psicologia, da psicanálise e da fenomenologia. Para o sociólogo, a casa torna-se a “topografia do nosso ser íntimo”, que alojam o inconsciente e os sentimentos:

Não apenas as nossas lembranças, mas também os nossos sentimentos estão aí “alojados”. Nosso inconsciente está “alojado”. Nossa alma é uma morada. E quando nos lembramos das “casas”, dos “apostos”, aprendemos a “morar” em nós mesmos. Vemos logo que as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas. (BACHELARD, 1978, p. 197)

No romance *Réquiem para um navegador solitário*, o mar, a insularidade (Batávia e Dili), o porto, entre outros espaços da capital do Timor Português, fazem parte da trajetória tumultuada de Catarina. A bela pousada da Buganvília, que tinha uma grande porta verde e uma planta chamativa na varanda, será o centro da vida da jovem na diáspora insular.

## 2. O espaço geográfico- cultural (Tuan)

Na obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (1977), Yi-Fu-Tuan apresenta a geografia cultural/ humanística, voltada para a pessoa como agente de sua geograficidade. O autor, que aborda os conceitos de “espaço” e “lugar”, que indicam experiências comuns. Além de enfatizar a experiência cotidiana do espaço geográfico, e esclarecer que nele três temas

se entrelaçam: 1- Os atores biológicos; 2- As relações de espaço e lugar; e 3- A amplitude da experiência ou conhecimento. No segundo tópico evidencia-se que:

Na experiência, o significado de espaço frequentemente se funde com o de lugar. “Espaço” é mais abstrato do que “lugar”. O que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.

Os arquitetos falam sobre as qualidades espaciais de lugar; podem igualmente falar das qualidades locais do espaço. As ideias de “espaço” e de “lugar” não podem ser definidas uma sem a outra. A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa; cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar. (TUAN, 2013, p. 14)

Tuan vincula a natureza da experiência e da perspectiva experiencial:

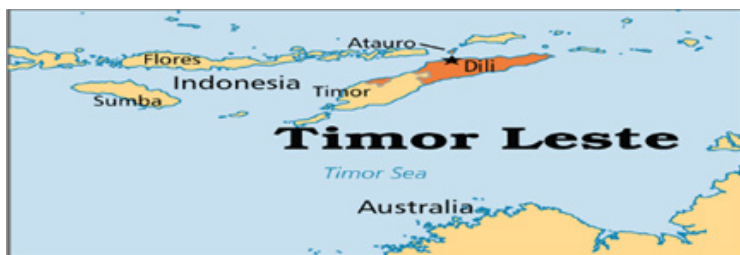
Experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras por intermédio das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade. Essas maneiras variam desde os sentidos mais diretos e passivos como o olfato, paladar e tato, até a percepção visual ativa e a maneira indireta de simbolização. (TUAN, 2013, p. 17)

Para o geógrafo, portanto, o lugar “é uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa ser facilmente manipulada ou levada de um lado para o outro; é um objeto no qual se pode morar,

isso quer dizer que o lugar é um mundo de significado organizado” (TUAN, 2013, p. 22).

A teoria do lugar concreto e do espaço abstrato, imersa nas experiências sensoriais e simbólicas, dotadas de valor, elaborada por Tuan, também será objeto de reflexão no estudo das pessoas inseridas nas imagens urbanísticas e arquitetônicas de Díli, algumas representativas de símbolos de poder político, comercial, cultural e policial, segundo as vivências da protagonista-narradora Catarina.

### 3. Díli: De colônia revoltada (1895 e 1911-1912), a porto de degredados (1927) e de ocupação estrangeira na Segunda Guerra Mundial



**Figura 1- Timor Leste<sup>5</sup>**

---

<sup>5</sup> O Timor Leste tem um território insular fragmentado no sudeste asiático: a parte oriental da ilha de Timor, além do exclave de Oecusse (costa norte da parte ocidental de Timor), da ilha de Ataúro (norte) e do ilhéu de Jaco (ponta leste da ilha). Tem fronteira marítima com a Austrália, no Mar de Timor, localizado ao sul.

Na obra *De Ceuta a Timor*, Luiz Filipe Thomaz escreve que, os portugueses, no Timor, começaram a extrair a madeira de sândalo, “um pau cheiroso” (THOMAZ, 1994, p. 78-80).<sup>6</sup> Os religiosos lusos somente se fixaram na região, em 1633, e o primeiro governador-geral chegou em 1702. Os missionários ensinavam o português e aprendiam o tétum: Em 1890, foi publicado o primeiro *Dicionário Português-Teto*, de Sebastião Aparício da Silva e, em 1907, surgiu o *Dicionário Português-Teto*, de Rafael das Dores.

Os portugueses e os liurais (senhores da terra, reis locais) estabeleceram tratados comerciais que evoluíram para relações de vassalagem, nas quais as autoridades nativas tinham que pagar impostos. Tal situação gerou conflitos em Lifaul e, por isso, o governador António T. Meneses ordenou a evacuação da vila em 11 de agosto de 1769 e a construção de Díli. Duas revoltas de Manufahi, lideradas pelos liurais do reino homônimo, ocorreram contra os impostos portugueses: por Dom Duarte (1895) e pelo seu filho, Dom Boaventura (1911-1912). No artigo *A revolta de Manufahi de 1911-1912: testemunhos e a imprensa diária da época* (2016), Lúcio Sousa esclarece que:

---

6 Durante a expedição da armada do vice-rei da Índia, Afonso de Albuquerque, que conquistou a Malaca em 1511 e as Ilhas Molucas (1512-1515), os portugueses chegaram na ilha do Timor em 1514, estabeleceram-se na parte oriental e ergueram uma pequena feitoria onde eram trocados madeira, cera e mel nativos por facas, machados, espadas e algodão. O Timor foi louvado em *Os Lusíadas*, de Camões: “Ali também Timor, que o lenho manda/ Sândalo, salutífero e cheiroso” (CAMÕES, s.d., canto X, estrofe 134, p. 746).

“Foi a última grande campanha militar levada a cabo no território e marcou a pacificação generalizada e a ocupação efetiva”. (SOUSA, 2016, p. 97) Esta última rebelião levou o governador José Celestino da Silva a desapropriar grandes áreas cultiváveis e as entregar a portugueses para a cultura de café. [No romance *Requiem para o navegador solitário*, o líder Malisera (sipaio Marcelo) reivindica suas terras que foram tiradas de seu antecessor e doadas pelo governo a um parente do capitão Alberto. Este organizou a Fazenda Sacromonte que tinha produção de café e a legou à Catarina, depois do nascimento de Diogo e da sua transferência para outro porto.]

No final dos anos 1920, em Lisboa, grupos de sindicalistas, socialistas, comunistas e anarquistas protestavam contra as péssimas condições de vida dos trabalhadores, principalmente os membros da Legião Vermelha, conhecidos pelos ataques com bombas.<sup>7</sup> Os condenados -presos sociais e presos políticos- partiram no navio *Pero D’Alenquer* para o Timor, que chegou em novembro de 1927. O governador Teófilo Duarte (1926-1929) selecionou alguns deles, conforme

---

7 A política de deportação de criminosos para territórios portugueses de além-mar, a partir de 1892, teve como estopim a explosão de uma bomba na recepção do conde de Folgosa em homenagem ao casal real (1892), seguida de dois atentados contra o rei (1893 e 1896) e um ataque com bomba na casa do ministro Dr. Joyce. Uma nova lei, que foi aprovada em 13 de fevereiro de 1896, previa, segundo José António Barreiros no artigo *Criminalização política e defesa do Estado*, que o condenado iria para uma prisão correccional até seis meses e depois iria ser deportado. (BARREIROS, 1982, p. 815).

a profissão que exerciam em Portugal (BARRETO, s.d., p. 3-4 e 8), para trabalharem em Díli: uns foram integrados ao funcionalismo público, outros tiveram permissão para abrirem estabelecimentos comerciais, como hotel, barbearia, padaria etc. [O degredado Rodolfo Marques da Costa fundou a Padaria São João e depois o Hotel Salazar, em Díli].

A Guerra no Pacífico Sul<sup>8</sup> foi iniciada com o ataque japonês a Pearl Harbour, base norte-americana no Pacífico, em 7 de dezembro de 1941, no contexto do progressivo expansionismo nipônico para conquistar pontos com materiais essenciais para a maquinaria de guerra (petróleo, borracha, minérios etc.), que avançou, inicialmente, contra o Havaí, Filipinas, Hong- Kong e Malásia, que eram possessões aliadas.<sup>9</sup>

Em resposta à invasão do Timor Português (15 dezembro 1941) pelas tropas australianas e holandesas, Salazar comunicou em 26 de janeiro de 1942 o envio para Díli de um corpo expedicionário que partiu de Lourenço Marques (Moçambique) e que deveria che-

---

8 Durante a Guerra no Pacífico, de 17 de dezembro de 1941 a 23 de setembro de 1945 a ilha do Timor Português, apesar da neutralidade de Portugal, foi ocupada por dois blocos beligerantes alheios ao território: o E.U.A./ Grã-Bretanha, via aliados, a Austrália e a Holanda (Índias Orientais Holandesas), e o Japão.

9 O interesse do Japão pelo Timor Português, que dispunha de manganês e petróleo, e que seria uma eventual base avançada para o ataque à Austrália, foi considerada uma grave ameaça para esse país e as Índias Orientais Holandesas (RAMIRES, 2006, p. 6), conforme Filipe Ramires em *Objectivo: Timor. Portugal, Timor e a guerra no Pacífico*. O Timor Português era o último reduto de defesa da Austrália e de manutenção em Java, do flanco oriental das Índias Orientais Holandesas.

gar no dia 20 ou 21 de fevereiro (RAMIRES, 2006, p. 9). [O emocionado aguardo por esse navio aparece no romance.].

Em 26 de janeiro, a parte holandesa do Timor foi invadida pelos japoneses com um ataque aéreo a Koe-pang. Na noite de 19 para 20 de fevereiro de 1942, os nipônicos desembarcaram no Timor Português, conquistaram o aeródromo, após alguns embates com os australianos, e foram para Díli (RAMIRES, 2006, p. 9 e 10). [Os japoneses, sob chefia de Moriama, que se enamora de Catarina, ocupam o hotel Salazar.].

No turbilhão dos preparativos da guerra no Pacífico, o francês Alain Gerbaut, autor do livro *À la Porsuite du Soleil* (1929), aportou em Díli, no ano de 1941, em busca de abrigo onde faleceu. [Gerbault é o amor platônico de Catarina].

A partir de agosto de 1942 foram organizadas guerrilhas pelos japoneses (Coluna Negra) e pelos portugueses (Coluna Branca).<sup>10</sup> [No romance apare-

---

10 Na obra *Timor na 2ª Guerra Mundial: O Diário do tenente Pires*, o organizador António M. Cardoso esclarece que as colunas negras eram formadas por “grupos indígenas, recrutados tanto no Timor holandês como no português, os quais espalharão o terror, matando e roubando, com a cobertura dos militares japoneses”. Contra os revoltosos, os portugueses formaram as colunas brancas que agiram, com extrema violência contra supostos colaboradores, também contra mulheres e crianças. Ocorreram revoltas espontâneas de timorenses contra autoridades lusas, por causa de ressentimentos que estavam “encobertos devido à dureza da repressão exercida e que agora se exprimiam, aproveitando a oportunidade criada pela debilitação do sistema colonial provocada pela invasão japonesa”. (CARDOSO, 2007, p. 63).



cem as ações guerrilheiras das duas facções. Lucius, irmão de Catarina, atua na Coluna Negra].



Fig. 2- Catedral de Díli destruída



Fig. 3- Soldados timorenses na guerra

Apesar das amargas consequências provocadas pelas invasões estrangeiras, Geoffrey C. Gunn revela, em *Timor Loro Sae: 500 anos*, que a ilha timorense não recebeu reparações de guerra estabelecidas na Conferência de San Francisco (1951), pois Portugal tinha se mantido neutro no conflito bélico. Além disso, a escravidão sexual de mulheres timorenses durante a guerra tornou-se pública somente em 1977, em Macau (GUNN, 1999, p. 262).

A participação involuntária do Timor Português na II Guerra Mundial no Pacífico e as funestas seqüelas - a devastação humana, urbana, rural e ecológica -, que estão esquecidas na historiografia colonial portuguesa, são evocadas por Luís Cardoso em sua narrativa, publicada em 2007.

#### 4. Imagens de Díli em época de tranquilidade e de beligerância

Em entrevista a Ramon Mello (2010), Cardoso falou sobre sua protagonista:

Catarina. Quem é essa personagem do livro *Requiem para o navegador solitário? Séria sua terranatal, o Timor?* Ah Catarina... [pausa] Depois desse livro ganhei uma afeição especial por escrever a partir do universo feminino. Há escritores que fazem isso de uma forma magnífica, como é o caso de António Lobo Antunes, cujas personagens femininas são excelentes. Eu também decidi aventurar-me por isso. Acho que falo melhor assim, não me travestindo como mulher, mas

julgo que através de uma voz de mulher consigo expressar-me melhor. Decidi contar uma história sobre a Segunda Guerra Mundial em Timor através de uma personagem feminina muito forte, que é a Catarina. [...] É a história de Catarina, uma pessoa que vai a procura do amor e, ao mesmo tempo, tem reveses. São pessoas que perante reveses contornam as situações. E isso aconteceu com Timor, teve um revés tremendo em toda sua história e deu a volta por cima. E hoje Timor é um país independente. (CARDOSO, 2010, *on-line*)

Quarto romance escrito na diáspora portuguesa, *Requiem para o navegador solitário*, tem 16 capítulos, numerados em algarismos romanos. A narrativa circular (*in final res*) inicia-se, depois da II Guerra Mundial, com a ida de Catarina ao monte Manumera para tentar resgatar seu filho Diogo que tinha sido raptado por Malisera. Este o nomeou de Surafitun e o manteve como moeda de troca. E termina, em 1945, com a capitulação dos japoneses e o plano da moça de entregar as barras de ouro deles que encontrou no barco de Alain Gerbault, bem como de se colocar à disposição das autoridades portuguesas, pois era suspeita de colaboração com os nipônicos.

Catarina foi educada, segundo os moldes elitistas europeus: sabia línguas estrangeiras, lia os clássicos, tocava piano, admirava Debussy e sonhava com um príncipe encantado, a quem foi ao reencontro em Dili. No segundo dia da estada dela na ilha, a jovem foi violada pelo noivo que logo foi transferido e passou para a chinesa a propriedade de café destrocada

pela praga e pelo fogo criminoso, a qual pertencia a Malisera, que almejava reconstruir na região o mítico reino de Manumera. A fazenda Sacromonte tinha sido doada ao clã de Alberto Sacramento Monteiro, como forma de pagamento aos méritos de um parente dele pela participação nas campanhas portuguesas de pacificação (guerras) contra os revoltosos de Manufahi (1911-1912).

Adolescente, a jovem foi denominada de *nona* do capitão do porto, sem nunca ter sido de fato concubina, *status* que foi reivindicado pelos dois sucessores de Alberto - Geraldo Pinto Pereira, natural de Amaranthe (Portugal), e César Semedo, oriundo de Cabo Verde - os quais a presentearam com gatos que traziam seus próprios nomes - Geraldo, o *Birmanês*, e César, o *Balinês*- que refletiam a compreensão masculina de posse feminina hereditária entre esse tipo de colonizadores, os administradores portuários.

#### 4.1. DILI EM ÉPOCA DE PAZ: ANOS 1930

Dili foi fundada em 1769 e elevada à categoria de cidade em janeiro de 1834, sob a administração do governador José Maria Marques. Foram erigidas a Fortaleza de Nossa Senhora da Conceição e o Forte de Carqueto que defendiam a entrada do porto e o ancoradouro. No final do século XIX foram realizadas diversas melhorias como estradas que ligavam a capital a povoados, a rede de abastecimento de água e o farol

do porto. No início do século XX foram construídas a câmara municipal e a catedral.

A capital do Timor Português acolheu muitos estrangeiros, apesar das imagens negativas veiculadas, como “uma terra cheia de pântanos e de crocodilos, infestada de mosquitos e de malária”, além de ser local de degredados políticos portugueses.

Catarina recorda-se das imagens coloridas do sol poente, em sua chegada: “Cheguei à cidade de Díli a bordo de um cargueiro holandês, num entardecer explosivo, uma mistura de cores entre o amarelo e o vermelho, que me parecia anunciar uma catástrofe bíblica”. (CARDOSO, 2009, p. 24). Na sua primeira visão da capital portuária, a jovem chinesa prenunciou desgraças nas tintas de cores agressivas no horizonte insular.

Na paisagem de Dili, multicultural e multilinguística, destacam-se a pousada Buganvília, o Hotel Salazar, bem como é mencionada a padaria São João, fundada pelo degredado Rodolfo, que introduziu na cultura local o pão, um alimento desconhecido para os nativos.

#### 4.1.1. Da pousada Buganvília, ao hospital até o porto: uma solitária estrangeira na sociedade patriarcal e colonial



Fig.4- Baía de Dili na década de 1930.

A pousada Buganvília, que pertencia a Alberto Sacramento Monteiro, capitão do porto de Dili, tinha esse nome por ter na varanda da entrada, uma trepadeira da planta conhecida como Primavera no Brasil. A moradia, localizada na baía de Díli, tinha uma grande porta de entrada verde. Em sua inesperada chegada, a sonhadora Catarina constatou que tal residência:

Era uma moradia larga e comprida. Não vi qualquer móvel na sala. Uma esteira e um petromax pareciam estar ali há décadas. A casa tinha todo o aspecto de uma habitação abandonada ou talvez ocupada por fantasmas. Um odor intenso exalava-se do ar e parecia

impregnado no chão, nas paredes e no teto. [...] Tudo cheirava a gatas e no entanto nenhum rasto delas. Ao fundo do estreito corredor, um quarto. A minha curiosidade levou-me lá. O mesmo aspecto desolador. Como mobília havia apenas uma cama desfeita, o colchão, a almofada e um armário onde estavam guardados alguns lençóis. O cheiro a mofo, a suor e a perfume barato deu-me indicações precisas sobre o estado de degradação a que chegara a parceria. (CARDOSO, 2009, p. 27 e 28)

Perplexa com os resquícios eróticos, revelados, principalmente, pelo cheiro de sujeira e essência vulgar, deixados à vista em um espaço que deveria ser um escritório comercial internacional, a moça, oriunda de uma família com valores cristãos, procurou se refazer da profunda decepção no apendice florido e no entorno verde:

Deixei a minha mala no quarto, peguei na esteira da sala e estendi-a na varanda. Acendi o petromax e comecei a andar de um lado para o outro ao longo do jardim. Vagueava descalça sobre a relva úmida. Mesmo em frente da casa havia uma planta que parecia elevar-se aos céus. Mais tarde soube que era por causa desta trepadeira que a casa era conhecida por pousada Buganvília, e também por estranhos enredos que contavam sobre ela. (CARDOSO, 2009, p. 28)

Aquela área de moradia e lazer externo, localizada diante do mar, inicialmente, compreendida por Catarina como um antro de encontros lascivos de seu noivo Alberto com amantes baratas, sem resquício de ser

uma firma internacional, vai se tornar o lar da adolescente sonhadora e solitária.

No segundo dia em Díli, a jovem desacompanhada ousou sair para conhecer a cidade, localizada no mar Savu; caminhou pela baía, segurando seu gato, Alberto, imersa em seus devaneios de amor:

Na manhã seguinte fiz uma incursão para conhecer a cidade e sua baía lindíssima. Decidi atravessar a marginal com a minha companhia de colo. Parei junto da ponte-cais para dar uma vista de olhos ao horizonte, com a ilha de Ataúro pairando lá longe. Também vultos de outras ilhas mais pequenas formando uma cadeia que alguém disse ser de fogo na altura das queimadas. Uma encantou-me especialmente pelo fato de ter como nome Lira. Assaltou-me o desejo de algum dia me retirar desse lugar, depois de ter satisfeito a vontade de meus pais fazendo um príncipe feliz. (CARDOSO, 2009, p. 29)

A visão das ilhas adjacentes despertou-lhe encanto e serenidade em um momento de esperanças em rever o pretendido. Seguiu até o Hotel Salazar onde conheceu o proprietário Rodolfo Marques da Costa, um português desterrado por motivos políticos, e foi surpreendida pela chegada de Alberto, que acompanhado pelo seu capanga, Busa Metan (Indiana Jones), a arrastou para a pousada Buganvília e adentrou consigo nos braços, simulando um gesto sentimental:

Quando me colocou na cama, tirou-me a roupa com tal brusquidão que perdi momentaneamente a respi-



ração. Depois atirou-se para cima de mim como um lobo-marinho. E, num ritmo frenético e ofegante penetrou nas minhas entranhas até dar o seu grito final, um berro, um uivo, um latido, e desfazendo-se em gotas de suor que empastam na minha pele.

Consumado o ato retirou-se para o lado. Tudo foi feito num ápice. Como quando um galo se põe em cima de uma galinha. Sem um gesto de carinho. Apenas fúria, como se tivesse de fazer aquilo para se vingar de alguém. (CARDOSO, 2009, p. 48)

Apavorada ao ver tanto sangue em si e na roupa de cama, Catarina disparou para o mar, diante da casa, sem se lembrar que poderia tornar-se presa de tubarões:

Atravessei a grande porta verde a pedir proteção aos deuses e demônios, ao primeiro que me aparecesse pela frente, e nada

- Socorro, socorro, socorro

Corri em direção ao mar, e ouvi vozes de uma multidão a gritar, delirante com um espetáculo inédito. Uma jovem mulher a correr para o mar em pleno dia, e sem nada.

- Agarra, agarra, agarra

lancei-me contra as vagas para me salvar. Na altura não me ocorreu pensar sequer nas consequências do meu ato. Era o mar que me esperava de braços abertos. (CARDOSO, 2009, p. 49)

Resgatada do mar, que lhe trouxera da Batávia em uma viagem plena de emoções e expectativas de uma nova vida ao lado de seu amor de olhos verdes e bigode retorcido, foi a nua e ensanguentada Catarina por Busa Metan que a levou para o hospital.

Desnorteada pela inesperada violência sexual sofrida, pela perda da virgindade e de seus sonhos, a jovem foi consolada pelo médico português, Dr. Carvalho, e pensou em reclamar uma indenização financeira, por causa do monstruoso delito. Mas, de forma lúcida, na cama daquela casa de saúde de Díli, a desesperada moça entendeu sua situação de mulher em sociedade patriarcal:

No momento em que precisava do conforto da minha mãe, estava só e entregue a mim mesma. Pior do que tudo isso, fora atirada para a boca do crocodilo pelo meu próprio pai. Estava como um navio que deu rombo em águas de um país hostil, lembrando-me da sua condição de capitão do porto, que em princípio devia dar-me abrigo. (CARDOSO, 2009, p. 56)

Com o sentimento de ser uma embarcação avariada em um porto inimigo, a corajosa Catarina recobrou o ânimo para sobreviver, a começar com a aceitação das rosas vermelhas, símbolo do amor, que Alberto trouxera no hospital, como se o crime dele tivesse sido um mal-entendido. Retornou para a pousada Bugganvília, que de casa de encontros furtivos de Alberto tornara-se um sombrio local onde fora brutalmente estuprada e desiludida de sonhos de casamento romântico.

Violada e grávida do “jacaré” dissimulado que tinha ocultado sua condição de homem casado e pai de família, ela foi incumbida pelo canalha, antes de ser

transferido para outro porto, a administrar a fazenda Sacromonte, que tinha a plantação de café arruinada e era reivindicada por Malisera.

Na pousada Buganvília, a mãe adolescente de Diogo era ajudada pela nativa Madalena que também tinha sido violada pelo sedutor e gerado Esmeralda. Ali viviam as duas jovens, suas crianças e uma legião de gatos. Em momentos de dificuldade, a moça untava o cabelo de Catarina com óleo de coco e o penteava, enquanto conversavam sobre a vida. Diariamente, elas encontravam na porta da casa uma cesta com ovos de tartaruga, trazida por Busa Metan, capanga de Alberto e proprietário de uma frota de viaturas que a desejava.

Daquela bela varanda, Catarina olhava o mar e esperava que seu pai chegasse para resgatá-la do sofrimento, mas ela, ainda, não sabia que o velho chinês morreria de desgosto pelo sucedido a ela. Para a amiga, a jovem mãe contou que esperava por um amor, que estava: à procura do seu príncipe encantado: “que não sabia se chegaria da montanha ou do mar, um homem arrojado que não tivesse medo de nada, nem da vida nem da morte, muito menos de me amar perdidamente [...]”. Madalena não entendia, porque a chinesa esperava por Gerbault, um homem idealizado, enquanto que ela aguardava Pedro, um ser real:

Perguntou-me se tinha ficado toda a noite na varanda à espera do navegador solitário que nunca conheci, a não ser através de um livro que escreveu.

Ela esperava por uma pessoa concreta com quem havia prometido casar. Enquanto não tivesse a certeza de que estava morto, não perdia as esperanças de o encontrar. Achava que era uma loucura esperar por um aventureiro, ainda apor cima viajando sozinho no encalço do Sol, sujeitando-se às intempéries e aos assaltos dos piratas. Nunca iria procurar abrigo numa ilha como Timor, que embora fosse conhecida como a terra onde nascia o sol, era antes o local para onde mandavam aqueles coitados que os outros rejeitavam, para serem esquecidos ou para morrerem longe da pátria, da família e de Deus. (CARDOSO, 2009, p. 119)

A católica Madalena, que nasceu em uma das ilhotas próximas, tinha vindo à capital Díli, para rever seu noivo que deveria estar ali com outros rapazes, a fim de terem formação para catequistas na ilha de Ataúro. À noite, a romântica noiva, às vezes, pegava o petromax e o pendurava na varanda com a intenção de:

[...] trazer de volta o seu noivo, assim como um farol para lhe indicar o caminho

- Estou aqui Pedro, estou aqui

um grito de socorro, um pedido de ajuda, como se fosse ela uma naufraga

Todas as noites acendia o candeeiro de petróleo e ficava por ali às voltas na varanda, depois da chegada dos pirilampus. Mas, desta vez, era ela que ia ao encontro dele. Estava farta de ficar à espera que a sorte ou o acaso trouxessem de volta *Pedro, o Porteiro*. Acendia o petromax no areal e entrava mar adentro com a luz acesa, levando atrás de si os gatos e as crianças numa romaria de santa padroeira dos aflitos.

- Estou aqui Pedro, estou aqui [...]. (CARDOSO, 2009, p. 105)

Madalena costuma estender a esteira na relva e envolver as crianças em um mundo mítico, como aquele sobre o menino que decidiu contar as estrelas:

-Era uma vez um rapaz chamado Surafitun  
Um nome não muito vulgar. Se fosse apenas *Fitun*, a estrela, não era de todo estranho, dado que havia rapazes com o nome de *Loron*, o Sol, e raparigas com nome de *Fulan*, a Lua. (CARDOSO, 2009, p. 158)

As duas moças, que tinham ido para Dili, a fim de encontrarem seus noivos, mas que tinham se tornado objeto sexual de Alberto naquela bela residência e gerado crianças concebidas por violência física e psicológica, irmanaram-se ali junto com os pequenos e a legião de gatos afetuosos, com suas desilusões e esperanças em um futuro melhor.

#### 4.1.1.1. As visitas dos capitães do porto: o português Geraldo Pinto Ferreira e o cabo-verdiano César Semedo

Depois da partida de Alberto Sacramento Monteiro, dois sucessores fizeram visitas à Catarina na pousada Buganvília que tinha a fama de abrigar mulheres desfrutáveis: o português Geraldo Pinto Pereira e o cabo-verdiano César Semedo que acreditavam poderem desfrutar de sua bela companhia, já que ela era conhecida, como *nona*, que “em língua malaia significa senhora. [...] Era a mulher que ficava no cais a aba-

nar o leque à espera do seguinte, depois de ter dado uns retoques na maquilhagem por causa de uma lágrima furtiva que se soltou aquando da partida do anterior”. (CARDOSO, 2009, p. 63).

Geraldo apresentou-se como tutor do pequeno Diogo, nomeado por Alberto, levou de presente um gato, Geraldo, o *Birmanês*, e foi convidado para apreciar o *saboko*, um prato de um peixe azul turquesa com molho de tamarindo e, cuja subespécie poderia causar visões, como uma viagem às profundezas do oceano. Disposto a conhecer a “caixa de Pandora” de Catarina, o capitão apareceu. Apesar de avisada em qual prato estaria a posta com o alucinógeno natural, a moça, em um jogo de sedução, misturou as porções e ambos chegaram intoxicados no hospital.

O agente policial Lavadinho e seu ajudante, Hermínio, correram para lá, pois esperavam por uma confissão, já que: “O envenenamento era uma prática corrente no Oriente quando se queria eliminar alguém, adversários políticos, inimigo da família, gente de outra raça e de outra pátria”. (CARDOSO, 2009, p. 139). Dr. Carvalho impediu o policial de tocar Catarina, mas a esposa de Geraldo chegou, gritando e agarrando os pés dela.

Depois do escândalo e antes de sua transferência, o capitão comunicou à Catarina que levaria Diogo consigo. Para evitar o rapto da criança, a casa ficou cercada por sipaios, mas Malisera, a pedido de Mada-

lena, conseguiu levar o pequeno para o monte Manu-  
mera.

Catarina gostava muito de “portos, de lugares de partidas e de chegadas. Também dos navios e do cheiro dos caixotes de sândalo onde empacotavam ninharias. Uma forma muito engenhosa de exportar a madeira preciosa” (CARDOSO, 2009, p. 168). Pretendia ir ao porto de Díli para devolver à esposa de Geraldo o gato que recebera de presente dele, mas que era de sua cónjuge. Advertida foi por Madalena:

- Não te armes também em louca, Catarina  
Como se precisasse de uma afronta, de um desafio, de provocar.

Era a minha maneira de pregar uma pequena partida. Obrigá-los a soltar impropérios até se engasgarem com as palavras. Achava que tinha uma couraça que me protegia. Uma parede de ferro que lhes devolvia o rosário de insultos que já me fora dado ouvir quando passava por aquele magote de homens. O mais ousado de todos talvez me chamasse puta. Um ajuste de contas para expiar os pecados da mulher por suspeitas de traição. Coisa que ficou em suspenso quando Lavadinho mandou escrever nas paredes Catarina, *a Grande...*[...].

Não foi fácil atravessar o cortejo de insultos eu fui ouvindo enquanto me aproximava do sítio onde estavam. (CARDOSO, 2009, p. 168 e 169)

Sem Geraldo e sem Diogo, Catarina sentia-se muito só na pousada Buganvília, embora o desaparecimento do pequeno tenha gerado uma onda de solidariedade, inclusive com o recebimento de pacotes de pães da

Padaria São João, do degredado Serafim. Nesse momento surgiu na residência da casa com a bela trepadeira o novo capitão do porto, César Semedo, que tinha pele morena e cabelo crespo e que lhe trazia um gato, César, o *Balinês*. Ele entrara na marinha, depois de ter conhecido Alain Gerbault, quando o mesmo aportara em Cabo Verde.

#### 4.1.2. Delegacia de polícia e mercado municipal: opressão colonial

Em Díli, José António Lavadinho e seu ajudante, Hermínio, o Encoberto, controlavam os presos sociais e políticos. O chefe era: “também conhecido como o filho da mãe que não lhes dava nenhum descanso. Fora enviado para Timor para lhes morder os calcanhares, o corpo, a cabeça, a mente e por fim a alma, para que ficassem despojados de Deus, da pátria, de identidade (CARDOSO, 2009, p. 36 e 37). Os dois perseguiram Malisera e não tinha percebido que ele se apresentava como o sipaio Marcelo.

Convocada a depor na delegacia de polícia sobre a tentativa de assassinato do capitão do porto, por envenenamento, Catarina foi advertida de que poderia perder a guarda do filho e ser expulsa do território, caso não falasse sobre a verdadeira identidade do *Aswain* Malisera. Ela o conhecera no monte Manu-mera, quando ali esteve para reorganizar a fazenda



Sacromonte.<sup>11</sup> Fiel, disse que não o reconhecia e ficou proibida de sair da cidade.

Malisera era acusado de raptar pessoas conhecidas de Dili, de tirar suas fardas e abandoná-las desnudas. Como sua fisionomia não era conhecida, mas se sabia que guardava semelhança com Marcelo, este foi obrigado por Lavadinho, a pousar de terno branco diante de uma câmara fotográfica; as fotos foram veiculadas em Lisboa.

Com grande alarde foi noticiada a prisão de Malisera que ficou exposto em uma jaula externa, sem roupa, no mercado municipal, como forma de rito de desonra de um nativo. De sua casa, Catarina foi arrastada por Hermínio, às pressas, sem sandálias e, por isso, seus pés se queimaram na areia em brasa. Brutalizada tinha que fazer o reconhecimento do preso, exposto como animal. Ela agiu como se o prisioneiro fosse um desconhecido. Da prisão da Comarca, o sipaio foi deportado para a ilha de Ataúro e seguido pela desiludida Madalena, que fora decepcionada pelo noivo Pedro.

---

11 Catarina foi, inicialmente, raptada a mando de Malisera, belo, esbelto e grisalho, para conhecê-lo em seus domínios. Foi apresentada aos súditos como a “noiva do reino de Manumera”, mas recusou a oferta de concubinato. Posteriormente, era levada de sua fazenda para visitas a ele que lhe mostrou “os esconderijos dos sublevados [contra os portugueses] e o buraco onde se despediu de sua mãe, estendida numa laje de pedra. Sacrificada para não ser apanhada viva”. (CARDOSO, 2009, p. 94). Para a festa de despedida dela foram mortos búfalos. A jovem conheceu o *lorosaé*, a dança de saudação ao sol.

O cárcere de Dili era um microcosmo da administração ditatorial da metrópole que era regida pela PIDE (Política Interna de Defesa do Estado), órgão repressor do governo de Salazar, que controlava opiniões e ações de possíveis inimigos do estado, como o nativo Malisera, o degredado político Rodolfo, entre outros, e a chinesa Catarina.

#### 4.1.3. De Hotel Al-Andaluz a Hotel Salazar: dissidentes e hedonistas

Em Díli havia um ponto de encontro internacional, no qual os não- hóspedes podiam adentrar e desfrutar de um bar. Em seu segundo dia na cidade, Catarina entrou ali, apesar de estar sem nenhuma companhia como a tradição e o decoro exigia de mulheres direitas:

Sentei-me numa cadeira e pedi uma chávena de chá. No interior ouviam-se vozes ruidosas de homens e de mulheres contrastando com o silêncio que se estabelecia em redor do edifício. Falavam português, tétum, bengali, malaio e, de vez em quando, ouvia-se uma frase inteira em inglês. [...]

Tal confusão de línguas parecia ser uma pequena amostra do que seria uma babel. Ou talvez um bordel, como antros escuros dos portos de uma grande metrópole onde se cruzam marinheiros provenientes de vários continentes. Mas, o fato de acontecer numa pequena cidade do fim do mundo, um lugar de gente condenada a morrer de tédio ou de uma doença invulgar que provoca a morte lenta, causou-me uma estranheza. (CARDOSO, 2009, p. 29 e 30)

O gerente Rodolfo foi considerado no Brasil *persona non grata*, e planejou e executou um atentado à bomba contra o hotel Francforte, no Rossio (Lisboa) e, por isso, foi condenado a viver no Timor Português. Ele confessou à Catarina que “na ausência de funcionários europeus naquela distante colônia do império, onde uns morriam de malária, e outros, segundo ele, de saudade, fez a sua passagem para a administração pública” (CARDOSO, 2009, p. 42). Teve a oportunidade de começar a vida com a Padaria São João, e depois passou para o ramo de hotel, que foi denominado de Al-Andaluz, por evocar a presença moura na região de Silves, sua terra natal. O local passou a chamar-se Salazar para adular o ditador de Lisboa. O antigo anarco-sindicalista lamentou que foi:

Deportado, disse ter sido, ele e mais outros tantos. Uns foram-se arrumando e outros nem por isso. Cada um tinha de fazer pela vida. A palavra de ordem era sobreviver a todo o custo. Resistir ao calor, às picadas de mosquitos, às maleitas dos trópicos. Aguentar o mau trato das autoridades, à espera de uma anistia ou de uma revolução para regressar a casa. [...]

Guardava na carteira um recorte de jornal que dava pelo nome *O Século*, com data de 30 de maio de 1925, cujo cabeçalho se intitulava “A obra da Legião Vermelha”

- Mandou-me a minha mãe. (CARDOSO, 2009, p. 29 e 30)

Nesse recinto multicultural eram realizadas as tertúlias da Trindade da Costa de Malabar, com par-

tidas de xadrez e troca de opiniões sobre a política do mundo, ao sabor de conhaque e, às vezes, ópio. O grupo era formada por Rodolfo, Alberto e Sir Lawrence, original de Bengala, comerciante de madeiras preciosas, dono de farmácia e dentista.

#### 4.1.4. Díli e os preparativos externos beligerantes

Depois de sua estada na fazenda Sacromonte, onde reorganizou a plantação de café, Catarina recebeu uma mensagem para ir até o hotel Salazar, onde Rodolfo lhe apresentou Nawata e Tokya, agrônomos japoneses da firma Nanyo Kohatsu Kabushiki Kaisha que tinha grande número de ações na timorense Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho. Eles se interessavam em parceira na propriedade dela - algodão, borracha, amoreira ou quinina-, mas a moça recusou. Na verdade, os nipônicos queriam observar as riquezas minerais e a posição geoestratégica que eram valiosas para a eminente guerra que eles estavam a preparar no sul do Pacífico.

Rodolfo comentou com Catarina sobre a ascensão de Hitler ao poder na Alemanha, cuja força militar teria atacado a Espanha, como forma de teste de material bélico:

Ele esperava que continuasse a ser um conflito europeu e que ninguém ousasse trazê-lo para aquela ilha perdida no fim do mundo, que os governantes portugueses tão bem tinham sabido esconder da cobiça das

potências, da avidez dos ricos, reduzindo-a a uma nulidade confrangedora. Um sítio para deportados, um depósito de esquecidos, uma ilha-prisão cercada pelo mar infestado de tubarões e de piratas em busca de pérolas, pedras preciosas e de gatas, donde ninguém podia fugir, nem mesmo para se juntar aos australianos da Brigada Internacional que estavam a lutar pela Espanha. (CARDOSO, 2009, p. 109)

Em 1940, o capitão do porto, César Semedo já tinha estabelecido contato com o cônsul Kuroki, que tinha lhe prometido no futuro indicá-lo para o governo do Timor.

Os japoneses civis entravam na ilha através de firmas em parcerias ou fictícias, depois faziam voos para fazer fotografias e observarem as rotas marítimas. O capitão Semedo explicou à Catarina que fizera semelhantes concessões aos australianos:

Tudo aquilo era um disfarce para entrarem no território. Uma habilidade também utilizada pelos aliados. Os holandeses na extração do manganês. Os australianos na pesquisa de petróleo. Estes sabiam do sítio exato onde o ouro negro estava depositado no mar, mas andavam nas montanhas a fazer horas. Ganhavam ao dia. (CARDOSO, 2009, p. 215)

César fez um convite à Catarina: o apoio a um empreendimento para extração de sal na praia de Tasi Tolu (Díli), para a salga do pescado, em parceria com os japoneses. A moça, que deveria assumir a sociedade por intermédio de sua firma Sacromonte Ltda.,

exigiu a compra de peixes a nativos da ilha de Ataúro, e foi informada que alguns deles já trabalhavam nas companhias pesqueiras em Ambon.<sup>12</sup>

Um homem vestido de preto chegou na pousada Buganvília e trazia uma gata de jade, oriunda da casa em Batávia. Era Lucius, *o Bíblico*, irmão de Catarina, disfarçado de capataz das salinas de Tasi Tolu, que ali estava para aguardar o retorno de Alberto, para se vingar da afronta praticado por ele contra sua irmã e seu pai que falecera de tristeza.

#### 4.2. Díli em época de guerra mundial: anos 1940

A Guerra do Pacífico Sul, que foi iniciada em 7 de dezembro de 1941 com o ataque dos japoneses a Peral-Harbour, provocou a invasão de Díli e cercanias por tropas australianas e holandesas, com a justificativa de formar uma linha de defesa contra a expansão nipônica. Tratava-se de uma agressão na colônia asiática, pois Portugal tinha se declarado neutro no conflito mundial.

Atônito estava o governador do Timor Português sobre o desembarque de tropas estrangeiras no porto, sem a sua autorização:

---

12 Nesse momento, Madalena desiludiu-se, pois descobriu que seu noivo e os dois colegas ali trabalhavam, em segredo, no negócio nipônico. Ele havia mentido para ela, pois dissera que iria para Díli, a fim de se preparar para ser catequista. Decepcionada, ela partiu para a ilha de Ataúro, a fim de acompanhar o prisioneiro Malisera, e deixou sua filha Esmeralda para Catarina criar.

-Aliados de quem?

era a pergunta do governador, que surpreendido com o desembarque das tropas australianas e holandesas, se considerava um refém, especialmente depois do ultimato que lhe fizeram para ficar quieto, nada de tentar gestos desesperados ou de inúteis heroísmos. (CARDOSO, 2009, p. 264)

Díli estava sendo transformada em uma futura praça de guerra, em estado de alerta: “Toda a gente parecia aguardar pela chegada dos japoneses. Devia ser por isso que os soldados aliados tinham erguido barricadas nalgumas ruas da cidade, no aeródromo e junto aos edifícios públicos” (CARDOSO, 2009, p. 272).

#### 4.2.1. A chegada do navegador solitário

Nesse momento de preparativos bélicos no Pacífico, como extensão da guerra no Atlântico, o navegador estrangeiro, Alain Gerbault, doente com maleitas, chegou em seu veleiro homônimo no porto de Díli, em 1941. As pessoas sabiam do afeto que ligava Catarina ao francês:

A cidade tinha mais um motivo para falar novamente de mim, na ausência de outros acontecimentos que despertassem a atenção de pessoas depois da chegada do veleiro. Teciam-se vários enredos sobre quem era o navegador solitário por quem eu esperara desde o dia da minha chegada. Quando acendia o petromax e o deixava aceso na varanda toda a noite até ser dia,

pensavam que talvez o fizesse para transmitir aos navios holandeses, ou japoneses, que passavam ao largo, uma qualquer informação, julgando-me uma espia a soldo dessas potências. Como depois me viam durante o dia a olhar para o mar, davam-me como doída, por estar ali horas e horas, uma eternidade, à espera de um fantasma. Alguns chamavam-me a amante do navegador solitário. (CARDOSO, 2009, p. 222)

O médico Dr. Carvalho levou Catarina a bordo para conhecer o navegante que necessitava de companhia. Gentil, com flores e chocolate, ele a visitou na pousada Buganvília e ouviu com pesar a triste narrativa da moça desde sua saída da Batávia, acompanhada do livro *À la Porsuite du Soleil*, no qual “insurgia-se contra as autoridades coloniais francesas que faziam de tudo para mudar os hábitos e o modo de vida dos povos das pequenas ilhas do pacífico”. (CARDOSO, 2009, p. 225) Gerbault contou que:

Esta casa tinha-lhe chamado atenção na madrugada em que chegara. Todas as luzes da cidade estavam apagadas, exceto nesta varanda, onde havia um candeeiro aceso. Um petromax iluminado como se fosse um farol para guiar náufragos em busca de um porto de abrigo (CARDOSO, 2009, p. 239)

O francês não aceitou o convite de Catarina para participar de um cerimonial timorense: a masca, que tem efeito narcótico moderado, e cujos condimentos - betel, noz de areca e cal - estavam em um cesto de Madalena. Gerbault comentou que estrangeiros, como



os dois, não deveriam participar de cerimônias timorenses. Tampouco aceitou a tradição cristã europeia por ela cultivada: “Não compreendia a razão porque não contara à Esmeralda a história do Pai Natal como sendo um pescador vindo duma ilha do Pacífico, nu e coberto de sal, os olhos vermelhos de tanto andar no fundo do mar, enfeitado de corais e conchas” (CARDOSO, 2009, p. 250).

#### 4.2.1. O cemitério de Santa Cruz (1941)

Depois do ataque japonês a Pearl Harbour, faleceu Gerbault na presença de Catarina, no hospital de Díli. No dia do enterro, ela e a menina Esmeralda caminhavam em direção do cemitério de Santa Cruz e foram testemunhas de um alvoroço, causado pela repentina entrada de militares estrangeiros, que sem autorização oficial, adentravam a baía de Díli:

Esmeralda não compreendia a razão dessa louca correria para nos despedirmos dele dado que o defunto nem sequer se podia mexer. Havia uma procissão de pessoas que iam em passo rápido no sentido contrário, em direção ao mar. Levavam flores nos cestos para oferecerem aos soldados aliados que vinham defender o território se porventura houvesse um ataque japonês, dado que o navio português nunca mais chegava com os reforços. (CARDOSO, 2009, p. 262)

Inclusive o coveiro Caixinhas, um degredado comunista, havia abandonado Catarina e Esmeralda

com o corpo insepulto para saudar os estrangeiros: “Estava com pressa. Não havia qualquer cova disponível. O camarada que devia executar essa tarefa ainda não aparecera. Tinha pouco tempo a perder. Queria fazer o enterro num instante para ir ver a chegada dos militares aliados” (CARDOSO, 2009, p. 264). Cansadas de esperar, elas enterraram o francês em cova rasa e a cobriram com pedras. Aquele espaço sagrado era o abrigo final do corpo de Gerbault e dos sonhos de Catarina.

#### 4.2.2. Da pousada sem a buganvília para o hotel confiscado pelos australianos

Depois do sepultamento, Catarina visitou o barco do francês, atracado na baía de Díli, para ali mudar-se com a menina e os felinos em caso de urgência. Surpreendida com a estante de livros, assustou-se com um alarme: “A minha casa estava em chamas. Alguém lhe pusera fogo na minha ausência. Deparei-me com o triste espetáculo quando retiraram os restos mortais de Esmeralda [...]” (CARDOSO, 2009, p. 272). Todos os felinos pereceram. O petromax e a gata de jade tinham desaparecido. A pousada Buganvília estava arruinada, concebera a vida de Diogo e Esmeralda e unira as desventuradas Catarina e Madalena. Por escusos motivos políticos fora incendiada e aniquilara a vida da menina e dos gatos, tornando-se o local de um bárbaro assassinato de inocentes.

Sem pertence algum, a moça ficou hospedada no Hotel Salazar, que tinha sido confiscado pelos invasores. Sem conseguir dormir, ela culpava-se por ter saído da casa:

Ninguém ouvia o meu lamento sufocado pelos berros dos militares australianos que faziam a farrá no átrio do hotel. A cerveja atiçava-lhes os cânticos guerreiros. O espetáculo que as pessoas fazem antes das guerras é ainda mais grotesco. Como quando os caçadores afiam as facas. (CARDOSO, 2009, p. 273)

De local acolhedor para a jovem solitária, o hotel tinha se transformado em palco militar de estrangeiros desrespeitosos e embriagados que aumentavam o luto de Catarina.

#### 4.2.3. O veleiro de Gerbault na ponte-cais: a nova moradia de Catarina

Quando decidiu ir morar no veleiro, o seu “castelo erguido no mar”, que era a moradia de seu príncipe encantado, Catarina foi confrontada com outra realidade, a econômica empresarial: “Soube que o empreendimento de Tasi Tolu tinha sido incendiado. Todos os trabalhadores e o capataz foram presos. Os técnicos japoneses ficaram detidos”. Tratava-se de uma das medidas da política de ocupação da terra timorense. Atônita, ela recebeu a inspeção de um australiano e um holandês que “Retiraram todo o mate-

rial de comunicação. Fui intimada a nunca abandonar a embarcação. (CARDOSO, 2009, p. 274)

#### 4.2.4. A invasão dos japoneses (1942)

Confinada no barco de Gerbault, Catarina recebeu a visita o capitão César, um dos seus sócios no empreendimento de salga de peixe, que já tinha sido destruído, conforme acima mencionado. Ambos foram testemunhas da invasão dos japoneses (1942) que tinham içado a sua bandeira azul e branca que ostentava um sol central e representava um novo poder estrangeiro em Dili:

-O sol em brasa

Balbuciu César Semedo

Apontando para os vasos de guerra japoneses que estavam ancorados na baía de Díli, baloiçando ao vento a bandeira branca com bola redonda e vermelha ao meio. Trazia um recado do seu amigo Kurori, convidando-o a ser sua hóspede no consulado japonês. Declinei, depois do incêndio da minha casa e da morte de Esmeralda e dos gatos, o único lugar que se sentia segura era no mar. No veleiro do navegador francês. (CARDOSO, 2009, p. 275)

Solitária, a bordo do diminuto barco, embora pudesse estar hospedada, confortavelmente, no consulado do Japão, Catarina reparou nos "primeiros bombardeamentos feitos a partir do mar, quando os japoneses estacionaram os seus vasos de guerra na

baía. No dia seguinte vi assaltos a casas, algumas ficaram queimadas, as paredes esburacadas, o chão amontoado de cinzas” (CARDOSO, 2009, p. 275).

A cidade estava vazia, imersa em um silêncio mortal e abandonada pelos nativos, que se refugiaram nas montanhas, exceto por alguns comerciantes árabes e chineses que decidiram colaborar com os nipônicos. Os encarcerados da prisão da Comarca foram todos libertados e participaram junto com os soldados do saque e do roubo de residências e estabelecimentos comerciais. Desolada, Catarina recebeu novamente o pedido de César para ser convidada do cônsul Kurori. Depois, o capitão do porto refugiou-se com outros na ilha de Likisá, com autorização dos japoneses. Outros portugueses e estrangeiros, residentes em Dili, foram desterrados para a ilha de Alor.

#### 4.2.5. Hotel Salazar: Quartel-General das Forças Imperiais Nipônicas

Catarina entrou em Dili, que estava coberta de escombros e cinzas, e chegou ao hotel Salazar, administrado por Abdul, novo gerente escolhido pelos nipônicos, depois da fuga de Rodolfo Marques da Costa. A hospedaria albergava os novos invasores, cujo chefe era Moriama, oficial do Estado Maior e chefe de operações das forças imperiais japonesas. Jovem, elegante, alto e magro, ele tinha estudado em Paris, na Sourbone. O oficial queria saber de Catarina o para-

deiro de Malisera/ Marcelo, pois precisava dele para “organizar as hostes nacionalistas timorenses, com o intuito de fazer uma frente comum contra os ocidentais, fossem eles os neutrais portugueses ou as forças aliadas coadjuvadas pelos boys nativos” (CARDOSO, 2009, p. 279).

A moça criticou o comportamento abusivo dos subordinados de Moriama, que lhe contestou: “- Nenhum império se formou sem a barbaridade dos soldados. Fossem eles do Ocidente ou do Oriente. Vai ter a oportunidade de reparar isso aqui em Timor” (CARDOSO, 2009, p. 281). O oficial a aconselhou a escrever um livro de bordo sobre todos os acontecimentos do Timor naquele momento histórico.

Moriama apaixonou-se pela chinesa e passava noites na ponte-cais a observar o veleiro dela. Na última noite, quando estava bastante apreensivo depois da destruição de Hiroxima e Nagasaki, o comandante homenageou a amada com barquinhos de papel enfeitados com velas acesas que colocou no mar. No dia seguinte, durante o café da manhã, o japonês foi vítima de sabotagem: “Moriama serviu-se do pão ao pequeno almoço. As rosas chegaram com o estrondo”. (CARDOSO, 2009, p. 294). A bomba que explodiu o Hotel Salazar foi colocada por Rodolfo, que tinha fugido e organizado uma guerrilha denominada de Brigada Internacional, que apoiou os europeus invasores.

#### 4.2.6. Díli e o final da guerra

A capital do Timor Português estava praticamente vazia de moradores, que tinham buscado abrigo nas matas e montanhas, ou que foram levados para ilhas timorenses pelos japoneses, e repleta de entulho de bombardeios a partir do mar e de confrontos entre soldados em barricadas. Nesse ambiente de decadência, dois grupos armados foram organizados: a Coluna Branca que combatia os nativos ajudantes dos nipônicos, e a Coluna Negra, apoiada pelos japoneses, que atuava contra os colaboradores dos australianos e holandeses.

A Coluna Branca, chefiada por Lavadinho, foi até o monte Manumera, reduto de Malisera/ Marcelo, que tinha sido solto pelos nipônicos, os quais esperaram, em vão, por sua ajuda. Em investidas das campanhas de punição a destruição foi intensa. Catarina escreveu em seu livro de bordo que: “Só mais tarde vim a saber das aldeias que tinham sido arrasadas e incendiadas e dos inúmeros cadáveres espalhados pelas bermas das estradas [...]” (CARDOSO, 2009, p. 286). De Malisera e de Diogo não teve notícias.

A Coluna Negra, liderada por Lucius, irmão de Catarina, foi reforçada por homens oriundos do outro lado da fronteira, do Timor Holandês, bem como por nativos com ódios antigos, provocados por fatos ocorridos nos tempos de pacificação (1911-1912) e que desejavam se desferrar. Provocaram em Aileu

uma tragédia contra os lusos. Para não deixar nenhuma testemunha viva, os japoneses fuzilaram Lucius e outros colaboradores em uma ribeira, localizada nas proximidades do local do massacre.

O fim da guerra (1945), com a saída dos nipônicos, causou alívio, alegria e expectativa por dias melhores. Em Díli:

Os chefes tradicionais foram mostrar a sua lealdade às autoridades portuguesas, desfilando com as bandeiras que haviam escondido do saque das milícias da Coluna Negra. Tempos antes haviam participado numa encenação idêntica transportando o estandarte japonês, dando vivas ao imperador e pedindo a morte aos elementos da Coluna Branca. (CARDOSO, 2009, p. 295)

O capitão César Semedo estava à procura do tesouro, proveniente do saque da Ásia, que os japoneses supostamente tinham escondido em Díli. Queria fugir com Catarina, pois tinha colaborado com o cônsul e o comandante Moriana e temia ser preso por Lavadinho. A chinesa encontrou as barras de ouro que estavam escondidas no veleiro, em caixas de sândalo, ocultadas atrás da estante de livros. Suspeita de espionagem, ela decidiu entregar o tesouro e a si própria ao agente da PIDE, pois ali queria permanecer, a fim de procurar seu filho Diogo.



## Conclusão

As imagens de Díli - as naturais (terra, praia e mar) e as arquitetônicas (o porto, a pousada Buganvília, o hospital, a delegacia de polícia, o mercado, o cemitério de Santa Cruz, o Hotel Salazar e o veleiro de Gerbault)-, vinculadas, principalmente, às experiências da protagonista, caracterizam o espaço físico, psicológico e social (REIS e LOPES).

Evocam o lugar geográfico concreto e dois tipos de subjetividade (espaço afetivo abstrato), segundo Tuan, que são dotados de valor e de sentimentos para Catarina que chegou ali, aos 17 anos, acompanhada de um gato. Suas vivências, os modos como conheceu e construiu a sua realidade naquela cidade insular e colonial, antes, durante e depois da Segunda Guerra Mundial, incluem as percepções dos órgãos dos sentidos e as decorrentes simbolizações (TUAN).

Recebida pelo noivo, Alberto, com a expressão “Nunca devias ter vindo” (CARDOSO, 2009, p. 46), a qual percorre a narrativa como um *leitmotiv* de rejeição, a estrangeira mimada pensou em regressar à Batávia, mas decidiu ficar para provar que era resiliente: era capaz de sobreviver à honra perdida e aos sonhos de felicidade pessoal aniquilados; reerguer a fazenda Sacromonte, arruinada pela praga do café, e criar seu filho Diogo, com pai totalmente ausente, naquela ilha que era, inicialmente, para muitos e para si própria, um símbolo de local inóspito e fedorento, infestado de

crocodilos, mosquitos, pântanos e malária, e reduto de degredados políticos.

Edifícios públicos municipais de Díli foram revestidos de aspectos sociopsicológicos e valorativos para Catarina. No hospital, ela conheceu um segundo pai, o médico, dr. Carvalho, que a tratou nos terríveis episódios do estupro e da intoxicação por veneno de peixe, e a ajudou, mentalmente, a recuperar-se da violência sexual e a enfrentar as vicissitudes passadas. O português acolheu o navegador Gerbault, enfermo de malária, entendeu a importância dele na vida da moça e mediou a aproximação do casal. Pela janela daquela instituição de saúde, o francês vislumbrou o horizonte e o mar e se despediu ternamente da vida e de sua amada.

Em Díli, a moça teve diversas experiências perturbadoras em espaços, onde se reuniam todas as classes sociais: Na bela ponte-cais, onde desembarcou plena de sonhos, mas assustou-se com as cores do poente no dia de sua chegada, ela expos, publicamente, sua condição de nona, sem o ser, levando o gato Geraldo à esposa do capitão do porto, sob uma saraivada de insultos.

Na delegacia de polícia foi interrogada, de forma infame, por Lavadinho, por causa da suposta tentativa de assassinato do administrador portuário. Depois da guerra, apresentou-se lá para se defender da acusação de ter sido colaboradora dos japoneses.

No mercado, em que chegou arrastada por Lavadinho, com os pés em bolhas, Catarina presenciou

a execração pública do líder nativo, Malisera, nu em uma gaiola, e foi acareada com ele, diante do agente da PIDE. Com mostra de profunda lealdade, fingiu não reconhecê-lo.

No cemitério de Santa Cruz, a enlutada teve que enterrar com as próprias mãos o seu cavaleiro andante, Gerbault, bem como dar repouso final à sua filha adotiva, Esmeralda, filha biológica de Madalena, que pereceu nas chamas infames, encomendadas por inimigos políticos de Catarina.

O Hotel Salazar, multicultural e multilinguístico, que reunia homens de diversas ideologias, foi confiscado e virou quartel-general dos australianos e holandeses. Retomado pelos japoneses foi bombardeado, em ataque organizado pelo proprietário, o antigo anarquista. No momento trágico, Moriana pereceu. Foragido, Rodolfo morreu vítima de uma emboscada, na época da rendição que estava sendo negociada com os nipônicos.

Para Catarina, o Timor Português, apesar de todas as admoestações, seria o local da felicidade, o do reencontro com seu príncipe que se portou como um animal ávido por sexo, mas que lhe deixou a pousada Buganvília, cuja interpretação insere-se na percepção da “poética da casa” (Bachelard). As experiências sensoriais e subjetivas de Catarina neste local, que tinha aparência externa atraente, por ter uma bela trepadeira na entrada e uma grande porta verde, e ser rodeada

por um jardim com grama, revelam a “topografia do ser íntimo”.

A materialização de valores e sentimentos naquele recinto, localizado diante do mar, em que foi, inicialmente, vítima de estupro e verteu muito sangue e tornou-se mãe solteira, culmina na transformação em lar, partilhado por Diogo, Madalena, Esmeralda e os gatos. No interior da casa, momentos sublimes são vividos, como as tentativas de andar de Diogo, compartilhado por alguns dos felinos, e os momentos de troca de ideias entre Catarina e Madalena, a qual nos momentos de desespero da chinesa começava o ritual de pentear os cabelos com óleo de coco etc.. Na relva circundante, à noite, deitadas nas esteiras, as crianças ouviam narrativas tradicionais, de caráter educacional.

A varanda e o jardim tornaram-se refúgio e porto seguro de Catarina, apesar das visitas estranhas dos capitães do porto. Para Bachelard, “as imagens da casa seguem nos dois sentidos: estão em nós assim como nós estamos nelas” (BACHELARD, 1978, p. 197).

A pousada Buganvília e entorno e o petromax (lâmparina) adquirem a simbologia de personagens-objetos de dimensão afetiva que proporcionam e moldam os sentimentos das duas moradoras mães e seus rebentos. Além disso, à noite, à luz da lâmparina suspensa, a casa transformava-se em um farol de orientação para os navegantes, segundo o próprio testemunho de Alain Gerbault.

A poética da casa de Gerbault representava a liberdade para ele e para Catarina, e que se tornou para a jovem também o novo lar, após o incêndio da pousada Buganvília. Dali, o corpo exumado do francês foi sepultado no mar que se tornou sua morada eterna.

Naquele abrigo no cais, que os ocupantes estrangeiros europeus declararam ser sua prisão, após terem retirado o rádio e outros canais de comunicação, Catarina presenciou o horror da guerra, a ocupação e o bombardeio de Dili, a construção de barricadas, a fuga da população, o saque e todos os tipos de arbitrariedades.

Em momento posterior, ainda do barco ela pode notar a presença assídua do oficial japonês, Moriama, seu respeitoso admirador que a observava de longe. Sem que Catarina soubesse, o barco tinha um tipo de cofre especial dos japoneses que ali esconderam barras de ouro que ela restituiu às autoridades portuguesas no tempo do armistício, apesar da recusa do ex-capitão do porto, César Semedo.

Depois da destruição de Díli, parecia ser o mar<sup>13</sup> a estrada líquida de partida da ilha que foi local de sonhos desfeitos e recuperações, no qual a chinesa foi a noiva grávida abandonada; a mãe enlutada pelo rapto

---

13 Em *Mar à vista e mar além da vista*, Regina C. G. O. de Sousa e Patrícia T. Nakagome destacam que no romance de Cardoso: “o mar é sinônimo de destino e esperança para a protagonista Catarina. Ele é um símbolo daquilo que lhe afasta de seu lar e de seus sonhos de menina ao mesmo tempo em que se torna o elo que a conecta com sua nova realidade e a identidade de mulher”. (SOUZA; NAKAGOME, 2015, p. 343)

de Diogo e morte de Esmeralda; a administradora eficiente da plantação de café; a *nona* de capitão de porto; a criminosa que tentou matar Geraldo e a íntima dos japoneses. O francês Alain Gerbault a tinha aconselhado a:

Ir atrás de qualquer coisa que me elevasse. Ao encontro de um território desconhecido ou de uma loucura, como ir sempre no rasto do Sol, esse soberbo pintor que deixa o horizonte borrado de manchas de tinta quando se levanta e quando se deita, como se expusesse as suas entranhas, para que se veja bem o seu esplendor. (CARDOSO, 2009, p. 239)

Para Catarina, entretanto, a paisagem (a real e a sentimental) do Timor Português (macrocosmo), imersa na pousada Buganvília (microcosmo), refletia as fases de sua formação: de adolescente sonhadora a mulher dinâmica que enfrentou os rigores patriarcais e a beligerância internacional e resolveu ficar e assumir a identidade timorense, revelando seu pertencimento vital àquela ilha de sua diáspora. De terra hostil (*locus horrendus*) e de lugar de sonhos com o príncipe, Dili passou a ser o centro vital (*locus amoenus*) de uma mãe que buscava seu filho, concebido de forma violenta, mas que era a sua razão de ser e de viver naquela ilha perdida no Pacífico Sul, colônia esquecida de Portugal.

## Referências

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. Tradução de Antônio da Costa Leal e Lídia do Valle S. Lea. In: BACHELARD, Gaston. *A filosofia do não; O novo espírito científico; A poética do espaço*. Sel. de textos de José Américo Motta Pessanha. Tradução de Joaquim José de M. Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Coleção Os Pensadores). p. 182-354.

BARREIROS, José António. Criminalização política e defesa do Estado. *Análise Social*, v. XVIII (72, 73 e 74), nº 3, 4 e 5, p. 813-828, 1982. Disponível em: <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223400415N6mBJ1zi9Mu00KG2.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2018.

BARRETO, Madalena S. *Deportação, colonialismo e interações culturais em Timor: o caso dos deportados nas décadas de 20 e 30 do século XX*. Disponível em: [https://www.academia.edu/9065838/Deporta%C3%A7%C3%A3o\\_colonialismo\\_e\\_intera%C3%A7%C3%B5es\\_culturais\\_em\\_Timor\\_o\\_caso\\_dos\\_deportados\\_nas\\_d%C3%A9cadas\\_de\\_20\\_e\\_30\\_do\\_s%C3%A9culo\\_XX](https://www.academia.edu/9065838/Deporta%C3%A7%C3%A3o_colonialismo_e_intera%C3%A7%C3%B5es_culturais_em_Timor_o_caso_dos_deportados_nas_d%C3%A9cadas_de_20_e_30_do_s%C3%A9culo_XX). Acesso em: 12 fev. 2018.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Ed. crítica de Francisco da Silveira Bueno. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d.

[CARDOSO, António M. \*Timor na 2ª Guerra Mundial: O Diário do Tenente Pires\*. Lisboa: Centro de Estudos de História Contemporânea, ISCTE, 2007.](#)

CARDOSO, Luís. *Requiem para o navegador solitário*. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

FERREIRA, Priscilla de O. *Que Timor é este na literatura de Luís Cardoso?* Tese (Doutorado em Literatura Brasileira Programa de Pós-Graduação em Letras) – UFRGS, Porto Alegre, 2014.

GUNN, Geoffrey C. *Timor Loro Sae: 500 anos*. Macau: Livros do Oriente, 1999.

CARDOSO, Luís. Luís Cardoso e o desafio de escrever a partir de uma voz feminina. [Entrevista concedida a] Ramon Mello. *Saraiva*, 29 de maio de 2010. Disponível em: <https://blog.saraiva.com.br/luis-cardoso-e-o-desafio-de-escrever-a-partir-de-uma-voz-feminina/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

RAMIRES, Filipe. Objectivo: Timor. Portugal, Timor e a guerra no Pacífico. *Relações Internacionais*, nº 11, set., p. 5-18, 2006.

SOUSA, Lúcio. *A revolta de Manufai de 1911-1912: testemunhos e a imprensa diária da época*. Disponível em: [https://www.academia.edu/25638485/A\\_revolta\\_de\\_Manufai\\_de\\_1911-1912\\_Testemunhos\\_e\\_a\\_imprensa\\_di%C3%A1ria\\_da\\_%C3%A9poca](https://www.academia.edu/25638485/A_revolta_de_Manufai_de_1911-1912_Testemunhos_e_a_imprensa_di%C3%A1ria_da_%C3%A9poca). Acesso em: 12 fev. 2018.

SOUSA, Regina C. G. O. de; NAKAGOME, Patrícia T. Mar à vista e mar além da vista. *Via Atlântica / USP*, São Paulo, nº 27, p. 341-355, jun. 2015.

THOMAZ, Luiz Filipe F. R. *De Ceuta a Timor*. Lisboa: Difusão Editorial S.A., 1994.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.

## Iconografia

Fig. 1 - Timor Leste. Disponível em: <http://epic.co.id/timor-leste-terancam-bangkrut/>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Fig. 2 - Catedral de Díli destruída. Disponível em: [http://4.bp.blogspot.com/\\_IQZifrSFP1E/SroPs6FQ11I/AAAAAAAAABCs/a5d8AUom4CQ/s1600-h/catedral\\_velha\\_ruinas.jpg](http://4.bp.blogspot.com/_IQZifrSFP1E/SroPs6FQ11I/AAAAAAAAABCs/a5d8AUom4CQ/s1600-h/catedral_velha_ruinas.jpg). Acesso em: 12 fev. 2018.

Fig. 3 - Soldados timorenses na guerra. Disponível em: <http://paginaglobal.blogspot.com.br/2015/09/soldado-desconhecido-que-combateu.html>. Acesso em: 12 fev. 2018.

Fig. 4 - Baía de Díli na década de 1930. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%ADli#/media/File:Baia\\_de\\_Dili\\_nos\\_anos\\_30.jpg](https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%ADli#/media/File:Baia_de_Dili_nos_anos_30.jpg). Acesso em: 12 fev. 2018.